

Mafalda

QUINSO

GUERRA E PAZ



IGUANA

Nota editorial

Ao longo destas páginas, a Mafalda volta a fazer aquilo que melhor sabe: olhar para o globo terrestre — esse paciente crónico — e perguntar se, por acaso, já melhorou. E, como sempre, a resposta tarda. O mundo continua com febre, tosse geopolítica e recaídas frequentes. Mas a nossa pequena vigilante não desiste de lhe medir o pulso.

No cerne deste livro está uma ideia simples e perturbadora: e se o mundo estiver doente porque nós estamos? Quando a Mafalda observa o globo terrestre a emagrecer sempre que as notícias pioram, a pergunta pode parecer ingénuas. Mas talvez seja apenas honesta. Se os países adoecem, não serão os seus habitantes que precisam de tratamento? E haverá antibiótico contra o egoísmo, vacina contra o autoritarismo ou xarope para a indiferença? Para os adultos, estas questões podem soar disparatadas. Para a Mafalda, são urgentes.

Num mundo onde os arsenais crescem mais depressa do que as bibliotecas, a lógica da Mafalda soa revolucionária — e perigosamente sensata. Mas a guerra não vive apenas de armas. Vive também da divisão confortável entre «bons» e «maus». Fazer o bem é fácil de anunciar; difícil é praticá-lo

quando a autoestrada do mal tem mais vias e menos portagens. Quino desmonta *slogans*, discursos inflamados e virtudes proclamadas, revelando como, tantas vezes, o «bem» é apenas uma palavra bem impressa num cartaz. A Mafalda, desconfiada profissional, prefere menos cartazes e mais gestos. Talvez a paz não precise de publicidade, mas de prática.

Num dos momentos mais incisivos deste volume, surge a inquietante hipótese de a humanidade estar «fora de serviço». Não há botão de reiniciar nem manual de instruções. Não se pode pendurar um cartaz a dizer «À venda» e esperar que alguém compre as peças menos gastas. Se a humanidade falha, falhamos todos. E, ao contrário do que acontece com os eletrodomésticos, não existe assistência técnica planetária.

Publicadas na década de 1960, em plena tensão da Guerra Fria, estas tiras nascem de um contexto específico, mas não envelhecem. Mudam os protagonistas, mantêm-se os impasses. Ontem, as manchetes falavam do Vietname, de corrida ao armamento, de muros ideológicos. Hoje, falam de outros cenários e de novas tecnologias, mas a

pergunta essencial persiste: por que razão insistimos em aprender tão pouco com os nossos próprios desastres?

Quino, com a mestria discreta que o caracteriza, nunca transforma a Mafalda numa pregadora. O seu humor não é panfletário; é cirúrgico. Em vez de gritar, pergunta. Em vez de acusar, estranha. E é nesse estranhamento que reside a sua força. Ao colocar na boca de uma criança as interrogações que os adultos evitam, expõe as contradições de uma civilização que se orgulha do progresso enquanto tropeça repetidamente nas mesmas pedras.

A Mafalda irrita porque não aceita respostas automáticas. Questiona governantes, sistemas, tradições e até as boas intenções. O seu inconformismo não nasce de rebeldia vazia, mas de um sentido profundo de justiça. É solidária, curiosa, crítica — e, acima de tudo, empenhada. Se o mundo está doente, não basta comentar os sintomas; é preciso imaginar a cura. Ao seu lado, os amigos funcionam como espelho das várias formas de lidar com a realidade: o pragmatismo resignado, o sonho ingénuo, o calculismo, o idealismo combativo. Juntos, discutem, discordam e ensaiam soluções improváveis.

Talvez não consigam salvar o planeta entre um jogo e outro, mas mantêm acesa a convicção de que vale a pena tentar.

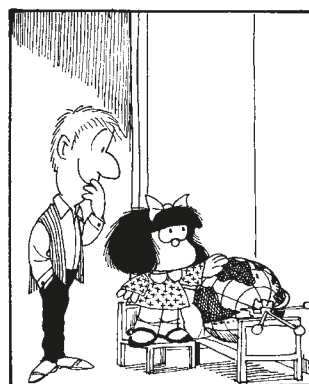
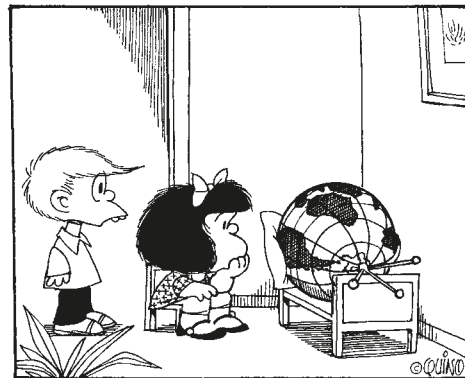
Mais de meio século depois, continuamos a reconhecer-nos nestas páginas: as notícias continuam a repetir-se e a paz ainda é uma promessa adiada. No entanto, a leitura destas tiras oferece algo raro: a possibilidade de pensar sem perder o sorriso. Porque, se a humanidade não pode ser desligada para manutenção, pode — quem sabe — ser afinada pela consciência.

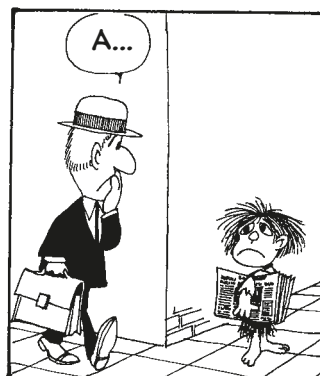
Talvez a grande lição deste livro esteja na persistência da pergunta que a Mafalda não se cansa de fazer: porque é que as pessoas estão sempre em guerra? Enquanto houver quem faça essa pergunta com genuína perplexidade, haverá esperança. Não a esperança ingénuo de que tudo se resolverá amanhã, mas a esperança ativa de quem se recusa a aceitar o absurdo como normal.

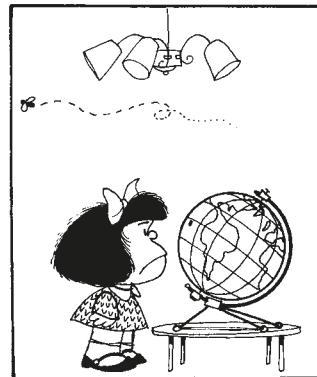
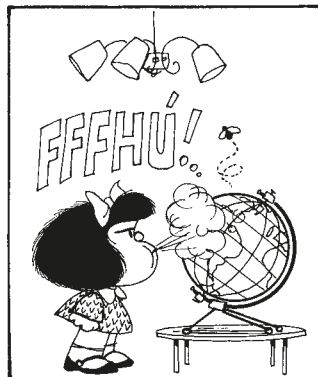
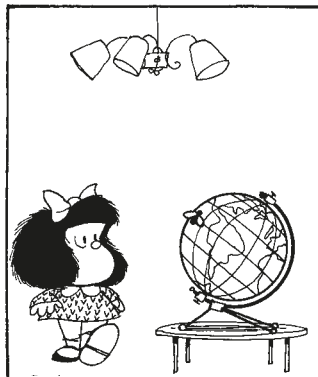
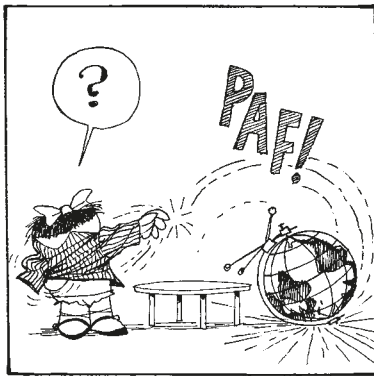
Ao folhear estas páginas, talvez apeteça, como à Mafalda, aconchegar o mundo com uma mantinha e desejar-lhe boa noite. Não para o adormecer na indiferença, mas para que acorde, finalmente, um pouco melhor.

MUNDO DOENTE

A Mafalda despede-se do globo terrestre com um ritual de boas-noites que esconde inquietações profundas. Estarão os agentes do caos a descansar, ou a vigília da vilania é perpétua? Se a decadência global se manifesta na fragilidade do objeto, haverá um antídoto físico para uma crise ética? O que para uns é ingenuidade infantil, para Quino é o espelho da nossa impotência perante um mundo que adocece sem receita médica.

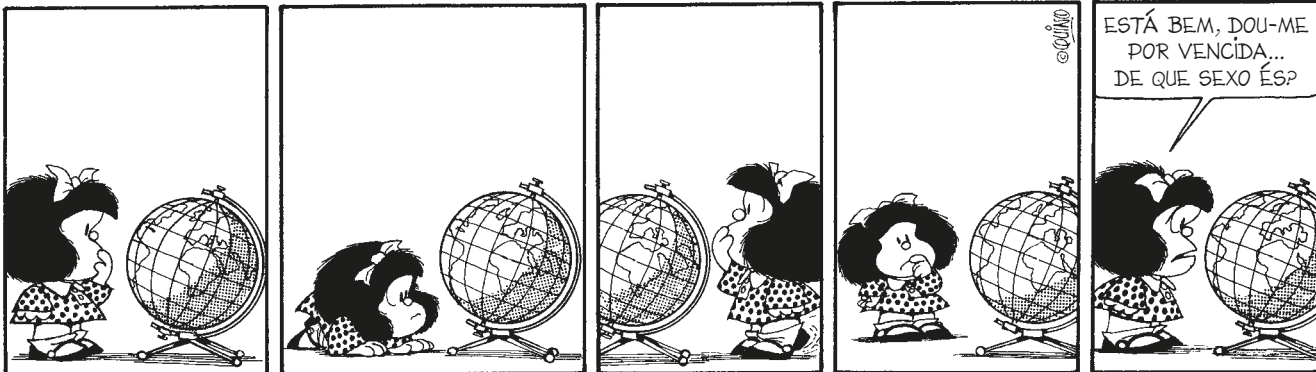


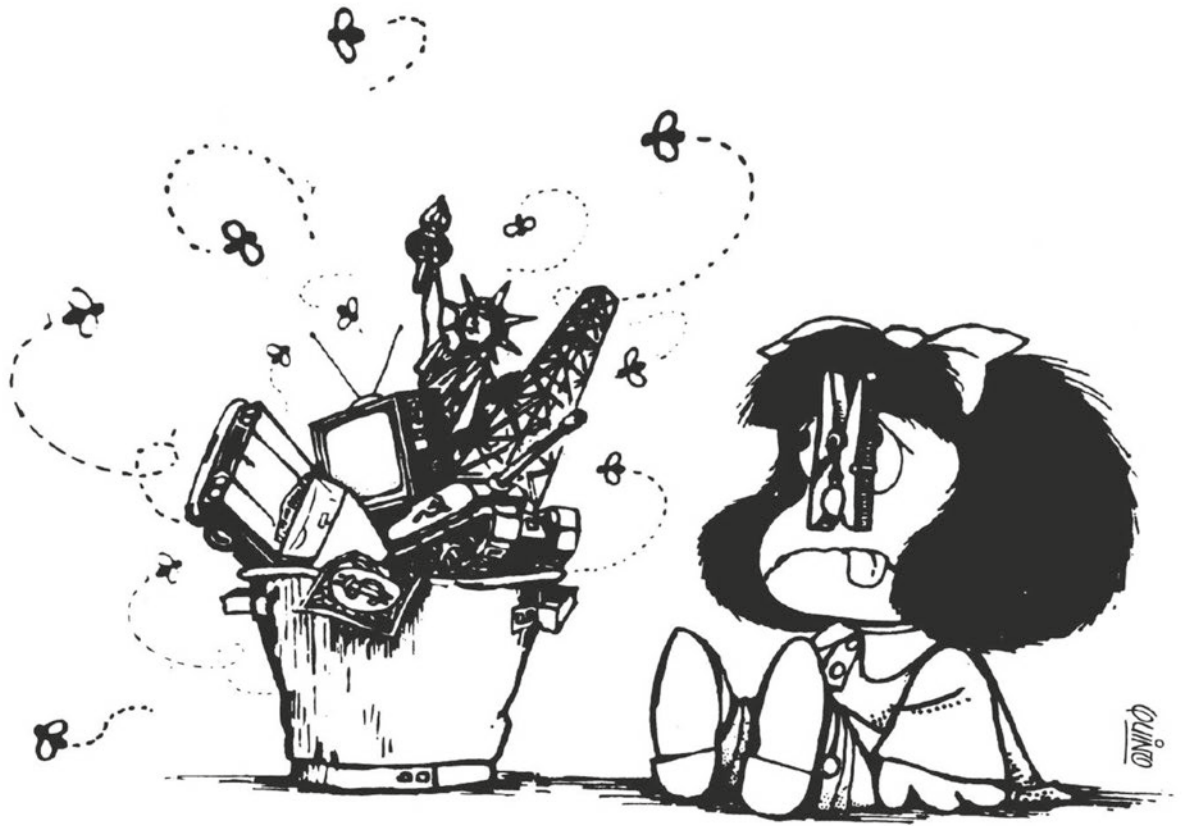












«PAZ», UMA PALAVRA DEMASIADO INCÓMODA NUM MUNDO HABITUADO AO BARULHO DAS GUERRAS

Farta de ver o mundo discutir mais do que conversar e de constatar que as notícias parecem trazer sempre novos conflitos, a Mafalda volta a observar o mundo com a atenção de quem não aceita que a guerra seja tratada como algo normal. Entre perguntas desconcertantes e comentários certos, analisa a forma como os adultos gerem o planeta e pergunta-se por que razão a paz continua a ser uma promessa adiada.




Pela sua lupa passam os confrontos entre países, a corrida aos armamentos, os discursos grandiosos sobre o bem e o mal e as contradições de uma humanidade que proclama ideais elevados, mas nem sempre os pratica. Com a ajuda dos seus amigos, a Mafalda desmonta certezas, expõe incoerências e revela, com um humor afiado, o absurdo de muitas verdades oficiais.

A Mafalda não apresenta tratados diplomáticos nem fórmulas milagrosas para resolver os conflitos do mundo. Propõe algo mais simples — e talvez mais difícil: que cada pessoa comece por questionar as suas próprias certezas. Talvez seja essa lucidez, tão incómoda quanto necessária, que faz dela uma das vozes mais persistentes — e mais sensatas — no eterno debate sobre guerra e paz.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

   penguinlivros
 iguana_editora

ISBN: 978-989-589-979-1



9 789895 899791